

Agricultura em São Paulo

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

54A

Sumário:

Situação econômica da agricultura ...	1
Questões de política agrícola	3
Situação da lavoura	5
3a. Previsão de safras	8
Preços no interior	10
Mercados e preços	11
Situação da pecuária	15
O amendoim e seus preços	17

A N O 1 Nº 1

A B R I L 1951

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO ^{Vinipresso na}
SECRETARIA DA AGRICULTURA ^{Divulgação Agrícola}
ESTADO DE SÃO PAULO D.F.A.

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO
Boletim da Subdivisão de Economia Rural
Rua Anchieta, 41 - 6º andar, Caixa Postal, 8083

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Engº Agrº Ruy Miller Paiva

S E C Ç Õ E S

POLÍTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Engº Agrº Ruy Miller Paiva (Chefe)
Engº Agrº Salemãe Schattan

PREVISÃO DE SAFRAS E CADASTRO

Engº Agrº Maria Zareni (Chefe)
Engº Agrº Francisco Prudente Filho
Engº Agrº Oswaldo Baptista da Costa
Engº Agrº Silvestre Ivo Di Grazia

MERCADOS E PREÇOS

Engº Agrº Rubens Araujo Dias (Chefe)
Engº Agrº Constantine Carneire Fraga

ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RURAL

Engº Agrº Oscar J. T. Etteri (Chefe)
Engº Agrº Fernando S. Gomes Jr.

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Engº Agrº Mario D. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Engº Agrº Nelson Schmidt

SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Brasil

Impresso na
Divulgação Agrícola
D. F. A.

A SITUAÇÃO ECONOMICA DA AGRICULTURA

Com a terceira estimativa das safras já se pode tentar um balanço da situação economica da agricultura de São Paulo em 1950/51.

Baseando-se nos dados referentes aos principais produtos do Estado - café, algodão, arroz, feijão, milho e amendoim - pode-se dizer que a área plantada foi menor do que a do ano anterior em 5% e que a produção foi inferior em apenas 2,6% por terem sido melhores as colheitas por unidade de área (exceção da do milho que caiu de 24,14 para 23,77 sacos por hectare).

No valor total da produção, é que as mudanças se mostram mais significativas. A julgar pelos preços vigorantes em Março haverá um aumento na renda total dos agricultores de 35% em relação ao ano passado. Aumento esse proveniente não só do crescimento substancial ocorrido nos preços do café e algodão, nossos principais produtos, como também do fato da diminuição das áreas plantadas ter-se dado nas culturas de baixo valor como o arroz, milho e feijão. Tal aumento de renda torna-se mais significativo quando se considera que o valor da produção total do ano anterior já fora 28% superior ao de 1948/49.

É verdade que nem todo esse aumento de renda significa melhoria do poder aquisitivo real, porque parte dela é anulada pelo aumento geral do custo de vida, que em Fevereiro de 1951 subiu de 5,8% em relação ao mesmo mês de 1950 e de 9,3% em relação do de 1949. Ainda que se desconte o equivalente da desvalorização do dinheiro, não resta dúvida que o aumento do poder aquisitivo é substancial, pois atinge a 29,2% em relação ao ano anterior e de 63% em relação a 1949.

Resta indagar se do ponto de vista do empresário agrícola o encarecimento do custeio neste ano, em relação ao ano passado, não vem anular os beneficios do aumento da renda. Ainda não dispomos de elementos positivos para responder essa questão. A julgar pelas informações recebidas do interior, o custeio deste ano, em relação aos anteriores, subiu sensivelmente. O mesmo tendo acontecido com os utensilios de trabalho adquiridos pelos agricultores, pois segundo o índice de preços do atacado da "Conjuntura Economic", houve em Fev

reiro de 1951 um aumento de 27,3% em relação ao mesmo mês de 1950 e de 40% em relação a 1949. Apesar disso, é de crer que fica na mão dos agricultores um volume de numerario bem superior ao do ano anterior.

Como se nota sensível tendência de melhorar a agricultura em São Paulo e como a agricultura tem passado por relativa crise nos últimos anos, que não lhe tem permitido tal melhoria, é possível que se incentivem agora a construção de benfeitorias e a aquisição de adubos, máquinas, ferramentas e demais utensílios. De modo que a repercussão desse aumento de renda da agricultura far-se-á sentir nos próximos meses, de preferência, na forma de estímulo aos negócios de adubos, máquinas, inseticidas, etc., e possivelmente, na elevação dos salários da mão de obra agrícola especializada.

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DE SÃO PAULO

Valor da produção nos últimos três anos.

1948/49

PRODUTOS	ÁREA (Hectares)	PRODUÇÃO (tonel)	PREÇO (1) (tonel)	VALOR DA PRODUÇÃO
Café	1.018.000	480.720	7.590,00	3.648.664
Algodão	961.064	598.440	4.180,00	2.501.479
Arrôz	543.621	682.260	2.710,00	1.848.924
Feijão	256.166	175.680	1.510,00	265.276
Milho	909.486	1.025.340	1.270,00	1.302.181
Amendoim	148.759	142.500	2.010,00	286.425
Totais ...	3.836.494	3.104.940		9.852.949

1949/50

PRODUTOS	ÁREA (Hectares)	PRODUÇÃO (tonel.)	PREÇO (1) (tonel.)	VALOR DA PRODUÇÃO
Café	1.100.000	453.360	15.830,00	7.176.688
Algodão	1.180.899	486.600	4.340,00	2.111.844
Arrôz	599.971	901.020	1.790,00	1.612.825
Feijão	201.228	124.860	2.150,00	268.449
Milho	846.970	1.226.820	960,00	1.177.747
Amendoim	124.799	130.920	2.220,00	290.642
Totais ...	4.053.865	3.323.580		12.638.195

1950/51

PRODUTOS	ÁREA (Hectares)	PRODUÇÃO (tonel.)	PREÇO (1) (tonel.)	VALOR DA PRODUÇÃO
Café	1.100.000	465.120	18.090,00	8.414.020
Algodão	1.155.602	612.180	8.980,00	5.497.376
Arrôz	490.435	780.660	1.620,00	1.264.669
Feijão	187.557	118.800	2.700,00	320.760
Milho	745.461	1.063.440	1.110,00	1.180.418
Amendoim	175.029	194.940	2.030,00	395.728
Totais ...	3.854.084	3.235.140		17.072.971

QUESTÕES DE POLITICA AGRICOLA

Defesa dos preços do algodão: - Dentre as diversas questões de politica agricola que preocupam os agricultores no momento atual, a queda dos preços do algodão é a mais premente. Não obstante a visível escassez mundial do produto, conforme foi demonstrado em outra seção deste boletim, os preços do algodão de São Paulo, tipo 5, caíram no mês de Março a Cr.\$ 390,00 depois de ter alcançado, no mesmo mês Cr.\$ 445,00. A explicação desse fato parece encontrar-se na retração dos comerciantes, que não dispõem do numerario necessario para comercializar toda a safra a esses niveis elevados de preço e que também não consideram seguras as condições do mercado, pois, em vista da escassez e da importância estrategica do produto, temem que o seu comercio venha a ser colocado sob controle nacional ou internacional.

À vista dessa situação cabe perguntar se o Governo deve tomar alguma providencia em relação à atual queda de preços. Parece não haver dúvida nesse sentido, pois a posição estatística do algodão sendo tão vantajosa, não há motivo para se permitir queda nos preços, ainda mais no momento em que os lavradores vendem os seus produtos. Se a causa dessa queda se encontra na escassez de numerário para sua comercialização, o Governo poderia tomar providencias energicas através de medidas de financiamento, como vem agora de ser feito, de forma, aliás, parcimoniosa, com a elevação das bases para Cr.\$ 250.00. E se a causa se encontra na incerteza com que os negociantes vêem o futuro do mercado, o Governo poderia agir, elevando as bases do financiamento aos niveis do mercado internacional e chamando a si, o risco de uma possível queda de preços. Aliás, a julgar pela posição estatística do produto, o risco do Governo num programa dessa natureza, seria muito pequeno, como já vimos.

Criação do Instituto do Café: - Outra questão de interesse fundamental para a politica agricola de São Paulo é a que diz respeito a criação de um outro Instituto do Café. É interessante que ain

da não se ultimou o enterrio do último órgão controlador da economia cafeeira e já se propõe a criação de outro para substituí-lo. Constitue isso, sem dúvida, um fato estranho, mas a verdade é que o café, devido a posição que ocupa na economia nacional e devido as variações de suas safras, não pode prescindir de um controle permanente de seu mercado, pois é necessário evitar as flutuações de preços que são perniciosas à economia dos agricultores e de toda a nação. Todavia é preciso distinguir as interferencias no mercado que tem por objetivo elevar de modo permanente os preços, ou seja, valorizar o produto. Na primeira forma de interferencia, estoca-se o volume necessario por um ou dois anos a espera dos anos de pequenas safras, quando é colocado de novo no mercado. Faz-se isso com o fim de normalizar a oferta; respeita-se porem as suas tendências normais. Na segunda forma de interferencia, o objetivo é controlar a oferta de modo permanente, quer limitando as plantações, quer estocando o produto por espaço longo de tempo, quer ainda retirando os excessos do mercado e queimando-os. Quanto ao confronto de ambos os processos pode dizer-se que o primeiro tem de benéfico e seguro e que o segundo tem de incerto e pernicioso. Os frutos de nossas antigas valorizações comprovam tal afirmativa.

Ao ser criado um novo Instituto, torna-se necessario deixar explicito no decreto de criação, os seus objetivos e meios de ação, de modo a evitar que mais tarde ele venha a iniciar um esquema de valorização. Nesse sentido o projeto que foi levado ao Presidente da Republica deixa muito a desejar. Refere-se a "justo preço" sem definir o que isso seja e mais adiante, possivelmente com receio das valorizações, limita esse justo preço condicionando-o a "concorrença da produção internacional e dos artigos congeneres bem como a indispensável expansão do consumo". E quanto as providencias que deverão ser tomadas para alcançar esse objetivo, também não se mostram claras e objetivas. Faz referencia a intervenções no mercado para assegurar o equilibrio estatístico (sem se lembrar que o equilibrio pode ser alcançado em qual quer nivel de produção e consumo pois depende exclusivamente dos preços), a repelir especulação e a garantir o justo preço. O projeto deveria ser mais claro nesse sentido. E para isso bastaria que deixasse explicito que o objetivo do Instituto é o de "defender os preços contra as flutuações da oferta". Para isso ele poderá regularizar a entrada do café nos portos, adquirir os excedentes do mercado, formando esto-

ques, sempre que se fizer necessario e, mesmo, entrar em entendimentos com os demais países produtores para normalizar a oferta em plano internacional. Especificando assim que o objetivo é defender os preços contra as flutuações da oferta, impõem-se um limite ao volume de suas aquisições no mercado e também ao volume de café estocado em seus armazens. Não lhe será permitido, por exemplo, reter um volume que implique em um programa de valorização de preços. As suas aquisições, assim como suas vendas ao mercado, serão feitas apenas dentro do volume que se torna necessario para manter um suprimento constante sem acumulação permanente de estoques. É importante notar, que desse modo ele poderá conseguir não somente o "justo preço", para o produtor mas o preço que o mercado poderá suportar sem afetar os interesses mediatos e imediatos deste. Com os objetivos assim definidos, o Instituto teria o seu campo de ação limitado em beneficios a cultura cafeeira do nosso país.

SITUAÇÃO DA LAVOURA

ALGODÃO :- Na primeira quinzena de Março choveu em toda a região algodoeira. Não houve queda de granizo. Em algumas regiões a colheita de capulhos foi prejudicada, bem como as capinas dos algodoeais semeados mais tarde. Na segunda quinzena, o tempo decorreu favoravel para o prosseguimento da colheita que começou mais cedo nos setores de Ribeirão Preto, Bebedouro e Rio Preto.

Os algodoeais tratados contra as pragas apresentam notavel contraste com os não tratados, tando quanto ao aspecto como quanto ao rendimento esperado. Os relatorios dos agronomos regionais, além de se referirem a esse contraste, mostraram outro, relativo as diferenças entre os plantios feitos mais cedo e os tardios, devendo-se temer que as plantações feitas depois de Novembro venham sofrer as consequências de surtos de pragas, principalmente nas culturas não tratadas dos setores de Marília, Presidente Prudente, Aracatuba e Rio Preto, que totalizam cerca de 70% da área algodoeira do Estado. Os preços dos primeiros lotes da safra alcançaram a media de Cr.\$ 150,00, causando apreensões entre os produtores a queda brusca para Cr. 120,00 por arro-

ba, em caroço.

CAFÉ :- Ultimam-se os preparativos para a colheita. Em virtude das chuvas da primeira quinzena, houve necessidade de repasse na coroação, em muitas lavouras. Vai adiada a maturação. O estado geral dos cafeeiros é regular nas culturas que receberam adubação e demais cuidados dos cafeicultores mais dedicados. Não há maiores surtos de broca. Neste mês, ainda se processaram replantas, mais generalizadas na zona Mogiana. Apesar de haver expectativa geral de que a safra do próximo ano seja grande, o mesmo não acontece com a deste ano, cujo volume será pouco maior que a do ano passado, confirmando as previsões.

ARROZ:- Na segunda quinzena intensificou-se a colheita, cujo andamento havia sido prejudicado na primeira, pelas chuvas. Estas porém, foram favoráveis as plantações tardias. Desse modo, pode-se dizer que o bom rendimento está assegurado.

MILHO:- Colheu-se o milho destinado ao consumo das propriedades. Apesar de estar grande quantidade quebrada, secando, somente em Abril será intensificada a colheita, a medida que forem ficando disponíveis, os braços ocupados em outros mistérios.

FEIJÃO E AMENDOIM (safra das secas):- As condições gerais do tempo são favoráveis ao plantio das lavouras de feijão e amendoim da safra da seca. O plantio deste último não provocou interesse maior, devido a queda de preços verificada no fim da safra das águas. Não obstante, no início do plantio da seca, ter subido de 48 para 53,00 cruzeiros por saca, não houve reação favorável.

TRIGO:- Houve certo alarme entre os plantadores de trigo no setor de Itapetininga, com a falsa notícia de que o Fomento iria desamparar a cultura. Desfez-se, porém, o boato, esperando-se que o plantio de mais de 3.000 alqueires. Todavia, há reclamações quanto ao atraso no fornecimento de sementes para o plantio a efetuar-se em princípios de Abril.

CANA - Houve grande interesse no plantio da cana de açúcar, comprovado pelo aumento de áreas plantadas, tanto na zona tipicamente canavieira como fora dela. Há no

ticias de esforços no sentido de se instalarem mais duas usinas açucareiras, na região de Catanduva e São João da Boa Vista. Registrou-se aumento de áreas, principalmente nas regiões de Tietê e Piracicaba, devido a recente instalação de uma nova usina.

MANDIOCA :- Teve inicio a colheita, arrancamento de raízes e preparo de terras para os novos plantios. O interesse pela lavoura em Araras e Limeira esta decrescendo.

BATATINHA DA SECA:- Processou-se o plantio da batatinha da seca, com as peculiares limitações da falta de tuberculos-sementes. Cai a produção dos antigos centros produtores enquanto a sua cultura tende a difundir-se e a estender-se em certos municipios para atender as necessidades do consumo dos centros urbanos proximos.

MAMONA :- Acha-se em desenvolvimento normal a frutificação, conquanto as condições de temperatura não tenha sido as mais satisfatorias para essa cultura.

MENTA :- Já se processam os primeiros " cortes", na região produtora de Presidente Prudente, esperando-se produção satisfatoria, sem aviltamento dos preços.

FRUTAS E HORTALICAS :- Processou-se a colheita de limas, limões, tangerinas e laranjas temporãs para o mercado interno. Igualmente procedeu-se a colheita de goiabas para a industria e para mesa, bem como abacates e de caquis.

Nota-se que houve expansão do consumo de bananas e no respectivo cultivo. Desenvolvem-se os trabalhos de sementeiras e transplantação de cebola e tomate.

ESTIMATIVA DE SAFRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

1950/51

3a. PREVISÃO

SETORES	Nº de municípios que compõem o Setor	CAFÉ		ALGODÃO		ARRÔS (casca)		MILHO		AMENDOIM (água)	
		Nº de 1.000 pés	Ses. 60 qls. Benefic.	Área (alqs)	Arrobas em caroço	Área (alqs)	Ses. (50 qls)	Área (alqs)	Ses. (60 qls)	Área (alqs)	Ses. (25 qls)
Araçatuba	16	76.358	579 730	56.115	5.005.500	13.098	896.200	16.985	1.174.100	4.050	452.000
Araraquara	16	76.430	431.800	14.320	1.080.000	12.180	555.000	13.250	645.000	475	39.000
Avaré	28	89.379	831.000	9.520	897.000	18.510	984.500	42.920	2.615.900	2.267	152.090
Baurú	18	146.500	1.371.200	21.237	1.913.090	5.720	366.550	24.965	1.175.750	3.980	386.000
Bebadouro	16	62.628	317.860	14.094	1.556.340	23.298	1.293.400	18.545	1.163.900	1.200	124.800
Campinas	24	41.400	260.945	12.857	1.495.000	6.916	535.080	26.800	1.516.300	-	-
Itapetininga	20	3.096	17.802	10.621	963.050	4.667	490.500	25.735	1.472.750	51	10.600
Jaú	10	65.578	496.700	3.412	294.490	4.155	256.000	11.135	622.000	-	-
Marília	22	172.444	1.118.816	76.990	6.536.118	23.753	1.613.380	15.920	809.720	26.547	3.364.310
Piracicaba	18	12.164	100.437	11.060	984.020	5.880	379.030	14.289	778.872	108	9.000
Piraqununga	19	41.401	239.301	14.394	1.309.790	10.304	678.400	19.234	1.043.200	72	6.220
P. Prudente	22	39.210	482.660	153.200	10.469.000	5.200	306.400	14.200	781.900	9.000	1.197.000
Rib. Preto	31	95.175	653.400	26.767	3.156.475	24.300	1.751.900	23.350	1.459.500	828	129.360
S. J. R. Preto	34	142.710	741.620	55.722	5.036.314	32.112	1.955.365	23.077	1.409.755	93	7.800
São Paulo	42	15.515	90.317	1.192	114.999	4.798	340.030	11.233	615.422	33	1.881
Taubaté	33	4.191	18.187	-	-	9.457	609.590	8.971	439.580	-	-
Totais ...	369	1.084.179	7.751.775	481.501	40.811.186	204.348	13.011.325	310.609	17.723.649	48.704	5.880.061

Dados fornecidos pelos Agrônomos Regionais da Seção de Regiões Agrícolas

NOTA:- Soja	268 alqs.	9.759 ses. 60 quilos
Gergelin	411 "	86.635 " 60 "
Trigo	1.539 "	2.913 toneladas
Menta	3.034 "	498.800 quilos
Alfafa	1.194 "	15.276 toneladas

ESTIMATIVA DE SAFRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

1950/51

3a. PREVISÃO

SETORES	AMENDOIM (seca)		FEIJÃO (águas)		FEIJÃO (seca)		BATATA (águas)		BATATA (seca)		Nº de 1000 pés	Nº de caixas
	Área (alqs)	Sacos de 25 quilos	Área (alqs)	Sacos de 60 quilos	Área (alqs)	Sacos de 60 Kgs.	Área (alqs)	Sacos de 60 quilos	Área (alqs)	Sacos de 60 quilos		
Araçatuba	-	-	2.203	79.750	1.000	25.000	-	-	-	-	-	-
Araraquara	-	-	3.780	89.300	1.870	49.500	-	-	-	-	245	300.000
Avaré	530	53.000	2.568	67.390	700	21.200	416	73.300	150	30.000	37	61.000
Baurú	406	32.080	2.655	103.000	835	39.520	22	5.750	80	16.500	21	19.000
Bebedouro	-	-	1.885	45.800	900	22.500	-	-	-	-	91	129.550
Campinas	-	-	1.835	35.350	610	9.960	895	154.500	381	70.540	215	443.500
Itapetininga	-	-	2.656	80.070	590	15.680	944	323.400	251	68.200	52	70.000
Jaú	-	-	775	19.775	870	19.000	3	750	-	-	27	19.200
Marília	19.930	1.431.600	2.750	95.560	2.970	142.300	342	123.600	595	152.250	-	-
Piracicaba	65	4.790	3.960	32.135	2.066	41.025	225	46.600	203	43.950	1.608	762.440
Piraçununga	-	-	2.000	71.200	3.120	27.500	2.525	362.860	540	49.800	374	379.000
Pres. Prudente	3.275	395.800	2.265	93.400	1.910	35.300	485	104.250	6.453	1.119.500	100	50.000
Ribeirão Preto	-	-	8.540	155.600	4.790	119.350	37	9.450	35	9.000	148	111.800
S. J. Rio Preto	17	1.020	6.125	126.735	5.307	122.430	24	3.480	-	-	5	15.000
São Paulo	2	150	2.190	69.815	1.842	53.827	1.471	533.660	827	254.735	64	84.470
Taubaté	-	-	1.563	47.250	1.019	24.550	229	62.310	10	2.000	327	119.150
T o t a i s...	24.225	1.918.440	47.750	1.212.130	30.399	768.642	7.618	1.803.910	9.525	1.816.475	3.314	2.564.110

Dados fornecidos pelos Agrônomos Regionais da Seção de Regiões Agrícolas.

N O T A:- Mamona: 10.518 alqs. 497.620 sacos de 50 qls. (parcial)
Mandioca: 16.967 " 614.213 toneladas (parcial)
Cana: 67.396 " 6.419.102 " (parcial)
Banana: 22.453.300 touceiras 20.564.073 cachos

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
MÊS DE MARÇO DE 1951 x

POR SETORES	ARRÓS		FEIJÃO MILHO		CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM		MAMONA		BATATA
	Em casca Sac.60Ks	Benef. 60 Kgs	Ses.de 60 Kgs	Ses. 60 Kgs	Em sacco Sac.40Kgs	Benefic. Sac.60Kgs	Por Arroba	Em casca Sac. 25Ks	Por Quilo	Ses.de 60 Kgs		
Araçatuba	92,30	160,70	159,20	64,90	320,00	1.106,00	132,20	52,10	3,50	133,30		
Araraquara	102,90	179,50	170,40	74,40	304,00	1.199,50	138,00	53,70	4,00	188,90		
Avaré	92,80	167,60	147,30	59,30	320,20	1.056,30	135,50	47,70	3,67	159,20		
Baurú	97,50	169,60	172,20	73,60	312,00	1.090,80	133,20	49,70	3,62	168,60		
Bebedouro	102,90	184,30	145,30	63,30	297,30	1.129,30	136,20	53,10	3,64	155,00		
Campinas	98,20	170,00	172,30	70,80	300,00	1.082,40	148,60	52,00	-	152,80		
Itapetininga	104,40	178,10	140,50	61,70	-	1.088,10	-	55,00	-	127,90		
Jau	99,40	182,60	149,20	61,90	317,30	1.073,80	-	-	4,60	150,00		
Marília	105,70	184,40	163,00	64,00	304,50	1.045,00	135,60	50,00	3,89	151,80		
Piracicaba	96,70	183,60	163,20	65,60	350,00	1.065,90	139,20	50,00	-	144,90		
Pirapumunga	93,70	186,50	180,20	75,90	344,60	1.085,20	138,20	60,00	3,20	172,30		
P. Prudente	89,00	166,60	156,90	54,40	320,50	1.079,80	133,30	51,70	3,69	145,40		
Rib. Preto	99,70	173,40	158,30	63,00	315,00	1.109,70	135,40	50,30	4,09	145,00		
S. J. R. Preto	92,30	155,00	149,60	68,30	307,80	1.089,50	133,50	49,90	3,35	165,00		
São Paulo	78,00	165,50	169,30	80,20	300,00	1.050,00	-	-	-	181,90		
Taubaté	100,00	182,80	180,00	85,80	-	-	-	-	-	169,40		
Preço médio de Estado	97,50	172,70	162,00	66,60	313,20	1.085,40	134,80	50,80	3,91	160,90		
MARÇO 1951												
Jan. Fev. 951	97,80	174,00	148,50	66,10	318,00	1.096,20	-	59,50	3,61	135,90		
" " 951	102,10	178,60	128,50	65,50	316,10	1.076,60	-	65,60	3,34	115,70		
" Dez. 951	104,70	182,00	132,00	62,10	304,60	1.032,30	-	84,50	2,93	173,90		
" Nov 950	111,40	193,40	137,30	61,60	311,80	1.056,60	-	99,80	2,65	240,60		
" Out 950	125,50	207,10	139,30	58,30	336,40	1.133,00	80,60	93,70	2,86	214,50		
" Set 950	125,80	209,50	135,00	56,10	353,20	1.165,60	79,90	90,70	2,90	199,40		
" Ago 950	117,10	197,10	130,30	53,00	334,20	1.096,50	82,50	88,90	2,16	198,60		
" Jul 950	104,90	179,10	127,90	49,90	316,50	1.043,30	79,60	72,10	2,02	190,70		
" Jun 950	108,60	182,50	130,60	50,70	278,00	932,50	73,20	54,90	1,96	208,50		
" Mai 950	107,70	184,80	148,10	55,00	275,60	913,00	60,70	49,80	1,94	180,20		
" Abr 950	109,80	193,00	124,60	62,10	282,50	932,60	54,80	48,50	1,73	138,50		
" Mar 950	105,10	191,70	113,50	68,90	276,90	927,40	58,30	52,00	1,56	109,90		

Dados sujeitos a revisão posterior. Colatados pela Seção de Mercados e Preços.

MÉDIAS MENSAS DAS COTAÇÕES NO DISPONÍVEL xx

CAFÉ - Santos 4 méle	Por 10 quilos	Cr.\$198,40
ALGODÃO - Tipo 5	Por arroba	Cr.\$431,75
ARRÓS - Agulha especial	Por sacco de 60 quilos	Cr.\$197,71
MILHO - Amarelo	Por sacco de 60 quilos	Cr.\$ 84,23
FEIJÃO - Mulatinho	Por sacco de 60 quilos	Cr.\$189,06
BATATA - Do Estado de Ia.	Por sacco de 60 quilos	Cr.\$163,75
AMENDOIM - Em casca - Tatú superior	Por sacco de 25 quilos	Cr.\$ 64,98
MAMONA - Ensacada (São Paulo)	Por quilo	Cr.\$ 4,87

-0-

xx Fonte: - Bolsa de Mercadorias de São Paulo.-
Março de 1951.-

MERCADOS E PREÇOS

CAFÉ

Durante o mês de Março reinou um ambiente de expectativa no mercado cafeeiro, havendo certa retração nos negócios. O estabelecimento do preço teto pelos Estados Unidos fez com que os compradores se retraissem e isso possivelmente teria forçado uma baixa nos preços caso o Governo Federal não houvesse tomado certas medidas de defesa. Assim foram estabelecidos, pela Divisão de Economia Cafeeira, preços mínimos de exportação, sendo fixado o preço de 52,75 cents por libra, F.O.B. Santos para o tipo básico que é o 4 mole, ou seja ... Cr. \$ 1.281,80 por sacco de 60 K. Deduzindo-se as despesas para colocar o produto a bordo, obteremos Cr. \$ 1.207,00 para o café posto nos armazens de Santos.

Outras providencias foram tomadas, tais como o controle rigoroso da qualidade de café exportado e o aumento das bases de financiamento que foram elevadas a Cr. \$ 1.000,00 por saca. A aplicação estrita dessas medidas tenderá a elevar as cotações em Nova York aos níveis do preço teto.

A situação estatística do produto continua a ser muito boa. A estimativa para a presente safra agrícola é praticamente igual a anterior. O consumo nos Estados Unidos deverá continuar bastante elevado, com tendencia a superar os níveis do ano passado em virtude das crescentes necessidades militares. Dessa forma, qualquer modificação brusca e substancial que ocorra no mercado, difficilmente terá como causa a alteração estatística do produto.

Os preços no interior sofreram ligeiro declínio neste mês. O preço medio do café beneficiado foi de Cr. \$ 1.085,40 por sacco de 60 K., inferior em Cr. \$ 10,80 ao de Fevereiro.

ALGODÃO

Em Março iniciaram-se as vendas de algodão em caroço da presente safra. O preço medio alcançado foi de Cr. \$ 134,80 por arroba ou seja, 97% a mais que o preço medio anual da safra anterior e ainda 131% superior ao preço de Março de 1950.

A grande alta acusada nesse período fundamenta-se na extraordinária posição estatística do produto. Para se ter uma ideia das excepcionais condições que apresenta o algodão, basta atentar-se para os seguintes dados:

SITUAÇÃO ESTATÍSTICA DO ALGODÃO EM MILHÕES DE FARDOS DE 217 QUILOS

Safras Começando em 1º Agosto	SUPRIMENTO				DISTRIBUIÇÃO "CARRY-OVER"			
	"Carry-over" no começo da safra	Produ- ção	Impor- tação	Supri- mento total	Consu- mo	Expor- tação	no fim da safra	
Situação 1949/50	14,7	31,2	-	45,9	29,3	-	16,6	
Mundial 1950/51	16,6	27,3	-	43,9	32,0	-	11,9	
E.U.A.	1949/50	5,3	16,0	0,2	21,5	8,9	5,8	6,8
	1950/51	6,8	9,7	0,2	16,7	10,5	4,0	2,2

Por aí se verifica que a produção mundial na safra 1950/51 foi inferior ao consumo em cerca de cinco milhões de fardos. Em consequência iremos ter em Agosto deste ano um "carry over" mundial de 11,9 milhões de fardos, isto é, o menor destes últimos 20 anos. Nos Estados Unidos, a falta de algodão não é menor. Pelo quadro notamos que a produção em 50/51 não atendeu ao consumo. O "carry-over" em 1º de agosto deverá atingir apenas 2,2 milhões de fardos, ou seja, o menor destes últimos 25 anos. A gravidade desta situação levou o governo norte americano a empenhar-se em conseguir uma produção de 16 milhões de fardos em 1951/52.

Dessa forma o algodão paulista, similar ao americano foi colocado numa posição privilegiada. É o único algodão desse tipo, disponível para exportação, numa ocasião em que ha fome mundial do produto. É necessário acentuar que os Estados Unidos ainda que consigam o seu objetivo de produzir na safra deste ano 16 milhões de fardos, o que viria contrariar a opinião de muitos ~~em categorias de especialistas~~ no assunto, não estariam em condições de atender a procura mundial de algodão, continuando o produto paulista em magnífica posição. Se de outro lado, ocorrer uma redução substancial nessa futura safra americana (há calculos em torno de 13,5 milhões de fardos), isso produzirá uma angustiosa escassez mundial de algodão, criando condições para

a elevação dos preços a níveis imprevisíveis.

Não obstante a excelente posição estatística, os preços do algodão em pluma em São Paulo acusaram no mês de Março acentuada baixa, tanto no termo como no disponível. O tipo 5 no disponível registrou uma baixa de Cr.\$ 55,00 entre o início e o fim do mês. No termo e no mesmo período, as baixas variaram de Cr.\$ 75,00 a Cr.\$ 83,80 sendo mais sensíveis para os meses distantes.

As causas principais desta queda não estão claras. Nota-se sensível retração de certos mercados importadores. Também a falta de suficiente numerário para a aquisição do algodão aos preços atuais, vem entravando o volume dos negócios; e disso ressentem-se todos os meios ligados ao comércio do produto, desde os maquinistas até os industriais.

A safra paulista, segundo a última estimativa acusa um decréscimo de 10% em relação a 1ª previsão, sendo avaliada em 40.811.186 arrobas de algodão em caroço. Isto representa aproximadamente 215.000 toneladas em pluma. Se deduzirmos desse volume a quantidade necessária para atender o consumo do país, iremos ter somente 125.000 toneladas disponíveis para a exportação.

OUTROS PRODUTOS

ARROZ :- Os preços do arroz no interior do Estado continuam baixos. O arroz em casca que, por ocasião do plantio, estava a Cr.\$ 125,00 o saco de 60 K. sofreu sucessivas quedas, atingindo em Março o preço médio de Cr.\$ 97,50.

A atual safra paulista - 13.011.325 sacos em casca - embora sendo inferior em cerca de 2 milhões de sacos da anterior, é considerada como suficiente para o consumo do Estado. Os excedentes da safra passada de São Paulo e dos Estados vizinhos, calculados em 2,5 milhões de sacos beneficiados, não tiveram total escoamento. A exportação por Santos atingiu em 1950 somente a 764.220 sacos.

É de se salientar que os preços de arroz em casca no interior estão a níveis inferiores aos garantidos pelo Governo Federal pela lei 615.

FEIJÃO :- Os preços no interior, atingindo Cr.\$162,00 por sa-
co de 60 K., apresentaram uma alta de Cr.\$ 13,50
sobre os preços de Fevereiro e um aumento de Cr.\$ 48,50 sô-
bre os de um ano atrás. Reflete essa alta uma diminuição da
safra seca em São Paulo e possivelmente na dos Estados visi-
nhos.

MILHO:- Os preços no interior continuam em alta desde Agosto,
alcançando em Março Cr.\$ 66,60 por sacco de 60 K.. No-
ta-se que neste último ano com início da colheita, o milho, ao
contrario dos anos anteriores, teve seus preços aumentados.
Pode-se explicar esse fato, em parte pela atual safra ser me-
nor em mais de 2 milhões de sacos da anterior e também, pelas
exportações que em grande quantidade estão sendo feitas pelo
porto de Santos nos últimos meses. Assim foram exportados no
1º trimestre deste ano 53.924 toneladas, volume bastante pre-
ciavel se compararmos com 13.965 toneladas exportadas em
1950 e com as 99.668 exportadas em todo o ano de 1945, que as-
sinalou o máximo de nossa exportação desse cereal.

AMENDOIM:- No início do mês, continuaram as violentas quedas
de preço, iniciadas em fins de Fevereiro. A prin-
cipal causa dessa baixa, foi o receio dos industriais do óleo
em pagar os preços anteriormente vigentes, diante da volumosa
safra em perspectiva e dos efeitos sobre os preços do óleo.
Entretanto, após amistosos entendimentos havidos, os preços
reagiram levemente, sendo que o preço medio no interior foi
em Março de Cr.\$ 50,80 por sacco de 25 quilos em casca.

MAMONA:- Os reflexos da situação internacional continuam a in-
cidir sobre os preços da mamona que acusam alta cons-
tante. O preço medio no interior do Estado foi este mês de
Cr.\$ 3,91 por quilo, ou seja quasi Cr.\$ 1,00 a mais que em De-
zembro último e Cr.\$ 2,35 a mais que em Março de 1950.

Convém notar que no setor agrícola de Jauú, o mais impor-
tante do Estado pelo volume da produção, o preço durante o mês
atingiu Cr.\$ 4,60 por quilo.

BATATA:- Após uma queda ocorrida durante a colheita da safra
das aguas, o preço no interior reagiu, atingindo em
Março, Cr.\$ 160,90 por sacco de 60 K., ou seja, um aumento de
Cr.\$ 25,00 em relação aos preços de Fevereiro.

SITUAÇÃO DA PECUARIA

PASTAGENS: -

Encontram-se presentemente em boas condições as pastagens em todo o Estado. Isso, devido aos favores das constantes e bem distribuídas chuvas verificadas ultimamente. Em algumas zonas, como na Noroeste as substituições de terras de culturas pelas pastagens se fazem num crescente acen tuado. Nessa região, o capim preferido para a formação de novas invernadas é o colônião.

GADO DE CÔRTE: -

Nas zonas de recriação nota-se ainda a entrada de bois magros vindos da zona de criação e a saída de bois gordos para os diferentes pontos de abate. O estado sanitário do rebanho é bom.

Os preços têm variado entre Cr.\$ 85,00 a 105,00 a arroba em diferentes partes do Estado. Em Barretos os preços vigora ntes no mês de Março foram:

Gado Magro :- Cr.\$ 1.050,00 à Cr.\$ 1.300,00, conforme, é a qualidade e apartação.

Gado Gordo:-	Novilhos especiais ...	Cr.\$ 100,00 a arr.
	Carreiros e marrucos ..	95,00
	Vacas	85,00

GADO DE LEITE : -

Continúa lenta, porém, constante o aumento do rebanho leiteiro. A exploração vai aos poucos progredindo com a implantação de novas técnicas de produção. Em algumas regiões agrícolas os produtores animados pelos preços pagos pelas indústrias de laticínios e certeza da colocação de sua produção, já se movimentam na aquisição de rebanhos especializados e na produção própria de forragens para arrojamento do plantel. Em geral, o volume de produção permanece o mesmo.

Campinas, em qualidade, continúa na vanguarda dos centros produtores, pois produz 44,6% do leite tipo A e 85% tipo B, produzidos no Estado. No mês de Março a produção per capita foi

de 5,5 litros, média essa bastante apreciável e difícil de ser superada.

A falta absoluta de torta de algodão começa a inquietar os produtores. Si perdurar essa falta as consequências poderão ser danosas.

Nas zonas cobertas pelas companhias de laticínios os preços vigorantes são de Cr.\$ 1,80 por litro de quota e ... Cr.\$ 1,50 por litro fóra da quota. No varejo os preços variam de Cr.\$ 1,50 a Cr.\$ 3,00 o litro.

Apareceram alguns focos de febre aftosa que foram controladas no início. A vacinação sistemática do rebanho em alguns centros têm surtido satisfatório.

AVICULTURA:-

É surpreendente o deslocamento dessa exploração para pontos distantes dos grandes centros consumidores. A noroeste parece ser a zona preferida pelos novos avicultores. Inúmeras famílias em Pereira Barreto já estão iniciando a criação de galinhas para exploração de ovos. E, muito em breve possuirá o município mais de 100.000 aves de produção.

Em Cafelandia o número de granjas atinge à quinze e a exploração de ovos é concorrente com a de esterco, que vale .. 1.200 cruzeiros a tonelada.

Os preços de dúzia variaram nessa região de Cr.\$10,00 à Cr.\$ 13,00.

SUINOCULTURA:-

A produção em diversas partes do Estado permanece estacionária. No setor de Araçatuba tem havido pouco interesse por essa exploração. Entretanto, na zona sul do Estado há grande procura do porco magro, em virtude da boa colheita de milho na zona toda. Nas demais regiões permanece inalterável a situação.

Os preços vigorantes variaram de Cr.\$ 130,00 a 180,00 a arroba.

Foram observados casos de peste suína no setor de Itapetininga. A vacinação tem sido feita e os resultados obtidos tem sido bons.

O AMENDOIM E SEUS PREÇOS ATUAIS

O amendoim é hoje, a segunda fonte supridora de óleos vegetais em São Paulo. Esta posição foi alcançada em poucos anos e coincidiu com uma acentuada queda na produção algodoeira.

A fim de analisarmos a situação dos preços do amendoim devemos considerar a posição estatística deste produto juntamente com a dos demais óleos e gorduras comestíveis, já que se tratam de produtos altamente substituíveis.

No quadro nº I, temos a distribuição de gorduras e óleos alimentícios no quinquênio de 1941/1945. Nele não constam certos óleos e gorduras como, o de oliva importado, gergelim, sebo comestível, manteiga, etc., sendo relativamente pequena a contribuição destes, podemos aceitar o quadro como indicação do consumo estadual, desde que se considerarem iguais os estoques de 1941 e 1946. Com uma população média nesse período de 7.737.955 habitantes teremos 5.757.038 adultos-equivalentes no Estado. O consumo por adulto equivalente foi portanto de 35,80 gramas diárias (75.104 toneladas de todos os óleos e gorduras). No quinquênio seguinte (conforme quadro nº I), não dispomos de dados completos, mas já nos permite afirmar que o consumo acusa declínio. Para que se consumisse a mesma taxa de 35,80 gramas, deveríamos ter um consumo total de 90.502 toneladas (considerando-se que a população aumentou para 6.926.000 adultos equivalentes). Essa redução de consumo deve ser atribuída principalmente às condições anormais de escassez do produto e às medidas que, direta ou indiretamente contribuíram para aquela redução (acionamento, tabelamento, etc.). Iremos adotar em nossos cálculos a taxa de consumo do período normal de 1941/1945.

Agora, estimemos as disponibilidades para 1951.

1 - Óleo de caroço de algodão:

a - Produção de algodão em caroço 661.412 tons.

b - Produção de caroço
rendimento de 35% de fibra 429.470 tons.

c - Quantidade de caroço disponível
para a produção de óleo 364.534 tons.

1,5 milhões de sacas de 30,5 quilos
para plantio e 5% de perdas.

Produção de óleo refinado
Rendimento de 9,5% sobre o peso do
caroço 34.631 tons.

2 - Óleo de amendoim - Como não temos estimativas sobre a sa-
fra das secas, vamos considerá-la igual a 1.200.000 sacas.
Somada com a safra das águas, teremos 7.118.876 sacas, vo-
lume este apenas superado pela colheita "record" de 1947/
1948. Teremos então:

a - Produção de amendoim - 177.971.900 Ks. em casca

b - Consumo "in natura" (600.000 sacas)
Plantio (500.000 sacas)
e 5% de perdas 35.023.595 Ks. em casca

c - Quantidade disponível para
a produção de óleo 142.948.305 Ks. em casca

Produção de óleo refinado (22%) - 31.449 tons.

3 - Demais óleos e gorduras - Também aqui, na ausência de ele-
mentos informativos, vamos considerar a produção deste ano,
igual a de 1950. Teremos :-

Gordura de babaçú 5.601 tons.
Banha em geral 6.330 "
Toucinho em geral 16.698 "

O total disponível de todos os óleos e gorduras alimentí-
cios no Estado será, portanto de 94.709 toneladas. É um volume
levemente superior as necessidades por nós calculada de 90.502

toneladas. Este pequeno excesso será perfeitamente absorvido pela necessidade de formação dum estoque mínimo para o ano vindouro, pois, no momento estamos praticamente sem estoques de qualquer especie (segundo informações do Serviço de Azeites e Óleos Alimentícios do Estado de São Paulo).

Chegamos assim à conclusão de que, ainda que se confirme as atuais estimativas das safras de algodão e amendoim, não teremos sobras de óleo e gorduras alimentícias em 1951.

Diante do exposto, pode-se indagar: ha razões para a queda nos preços do produto? Uma vez que não há excesso de produção, será natural que os preços do amendoim se mantenham em relação de equivalência aos preços do óleo, pois todo o amendoim transformado em óleo, será consumido. Já que o preço do óleo no atacado tem sido de Cr.\$ 15,00 e que a esse preço os consumidores poderão absorver o volume produzido, pode-se calcular o preço do amendoim do seguinte modo: Admitamos um rendimento de 22% em óleo refinado. Nesse caso, cada saca de 25 quilos de amendoim em casca, fornecerá 5,5 quilos de óleo. O custo da industrialização será compensado pelo valor dos sub-produtos (torta e borra). Não o computaremos portanto. Teremos assim:

Valor de 5,5 quilos de óleo refinado no atacado a	Cr.\$ 82,50
Cr.\$ 15,00 o quilo	
Menos: custo de comercialização inclusive lucro do fabricante, propaganda, etc., (28,5% do valor final do óleo ou 40% sobre o preço da materia prima	Cr.\$ 23,50
Custo da materia prima (25 Ks. em casca)	Cr.\$ 59,00

Desse modo, ao preço médio de Cr.\$ 15,00 o quilo de óleo refinado, o preço da equivalência do produto será de Cr.\$ 59,00. Assim, não vemos razões que justifiquem preços muito distanciados de Cr.\$ 59,00 por saca de 25 quilos em casca.

Presentemente no entanto, verifica-se uma acentuada que

da nos preços do amendoim. Inúmeras são as causas que a podem ter provocado. Citemos dentre as principais, a superior posição dos intermediários sobre os produtores, que lhes facultam maior domínio sobre os preços e os fatores psicológicos que aperecem diante duma volumosa safra.

Caindo os preços como ora ocorre, surge a questão da conveniência ou não de medidas governamentais que o amparem. Uma vez que segundo nossos calculos não há excesso de produção e que as condições económicas permitem neste ano, o consumo total de óleo, a resposta deve ser positiva. Acresce que, neste caso o Governo não incorre em risco nenhum. Ademais, deve-se levar em conta outras razões. Com efeito, os produtores lançaram-se ao plantio na expectativa de preços superiores aos atuais. A permanência de baixos preços poderá provocar forte redução da safra futura. Evidente, as desastrosas consequências que tal fato pode acarretar ao suprimento de óleos comestíveis. Essas e outras ponderáveis razões militam a favor do amparo governamental.

No presente momento, o meio mais expedito para a sustentação dos preços é o aumento do preço mínimo no plano federal de garantia de preços aos produtos agrícolas. Elevando-se para Cr.\$ 75,00 fob Santos, o preço mínimo para o tipo básico (tipo 2) do amendoim em casca, poder-se-ia assegurar ao produtor um preço proximo ao de cr.\$ 59,00.

É evidente que tais sugestões se referem ao problema do amendoim em caráter imediato.

A politica economica que em longo periodo deve nortear a produção de amendoim envolve aspectos inteiramente diversos daqueles que acabamos de tratar. Neste caso, a garantia de preços fica subordinada, entre outros fatores, a possibilidade de ou não de São Paulo se firmar como região exportadora de amendoim e do seu óleo.

Q U A D R O I

DISTRIBUIÇÃO DE ÓLEOS E GORDURAS NO PERÍODO DE 1941/45

ANOS	ÓLEO DE CAROÇO DE ALGODÃO				BANHA EM GERAL				TOUCINHO EM GERAL				ÓLEO DE AMENDOIM			GORDURA DE BABAQU			
	Prod. Refin.	Exp. Exter. Óleo	Exp. Cabo-tagem	Disponi-bili-dade	Produ-ção	Imp. Cabo-tagem	Exp. Cabo-tagem	Disponi-bili-dade	Produ-ção	Impor-tação	Exp. Cabo-tagem	Disponi-bili-dade	Produ-ção	Expor-tação	Disponi-bili-dade	Produ-ção	Imp. Cabo-tagem	Exp. Cabo-tagem	Disponi-bili-dade
									(a)	(a)	(a)	(b)							
1941	73.563	24.383	3.757	45.423	3.435	2.508	541	5.401	2.142	804	25	2.721	162	-	162	1.027	251	-	1.278
1942	47.496	11.506	2.410	33.580	3.739	2.339	192	5.886	17.225	1.535	357	18.403	1.102	-	1.102	121	219	8	1.423
1943	52.844	6.273	1.870	44.701	3.914	2.085	1.859	4.140	21.853	639	252	22.240	6.029	-	6.029	1.097	135	17	1.214
1944	67.789	5.126	10.824	51.839	6.288	1.963	1.373	6.878	26.065	361	40	26.386	3.365	800	2.565	2.208	59	41	2.225
1945	55.922	14.296	7.816	33.810	6.095	1.726	1.117	6.704	25.822	1.023	26	26.819	2.054	515	1.540	2.177	139	-	2.313
Dis-poni-bili-dade			41.870			5.822				23.462			2.280				1.690		

Q U A D R O II

DISTRIBUIÇÃO DE ÓLEOS E GORDURAS NO PERÍODO DE 1946/50

ANOS	ÓLEO DE CAROÇO DE ALGODÃO				BANHA EM GERAL				TOUCINHO EM GERAL				ÓLEO DE AMENDOIM			GORDURA DE BABAQU			
	Prod. Refin.	Exp. Exter. Óleo	Exp. Cabo-tagem	Disponi-bili-dade	Produ-ção	Imp. Cabo-tagem	Exp. Cabo-tagem	Disponi-bili-dade	Produ-ção	Impor-tação	Exp. Cabo-tagem	Disponi-bili-dade	Produ-ção	Expor-tação	Disponi-bili-dade	Produ-ção	Imp. Cabo-tagem	Exp. Cabo-tagem	Disponi-bili-dade
1946	27.104	4	-	27.100	4.044	4.801	436	8.409	-	-	-	-	2.606	5	2.603	1.708	8.524	-	7.231
1947	29.991	82	-	29.909	2.959	-	-	2.959	25.499	-	-	-	8.515	-	8.515	6.297	-	-	6.297
1948	25.538	50	160	25.648	4.399	3.741	-	8.140	19.291	214	-	-	35.576	35	35.541	4.165	688	-	4.833
1949	37.256	-	1.099	38.355	-	2.742	-	-	19.326	43	-	-	26.875	9.925	16.950	4.850	1.744	-	6.599
1950	23.804	-	6.266	30.070	-	2.042	-	-	16.698	21	-	-	18.469	-	18.469	5.601	1.458	-	7.059
Dis-poni-bili-dade			30.216										16.415				6.403		

Fonte: - "O problema das gorduras e óleos alimentícios em São Paulo" - J. C. M. Nogueira - Subdivisão de Economia Rural - 1

a - Não inclui a produção dos matadouros municipais.

b - Média do período 1942/1945

Os dados em toneladas estão arredondados.

